

NO MUNDO DO PRAZER: UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA NO CINE REGINA

Ulisses Gonçalves de Oliveira
ulissesmape.mg@gmail.com
PROGRAD/UFMG
UFMG
Graduando

O presente trabalho trata-se de reflexões acerca de uma experiência etnográfica em um cinema pornô da cidade de Belo Horizonte - o Cine Regina. Por meio do meu relato veremos algumas reflexões acerca da subjetividade do pesquisador reforçando a relevância de tê-la explicitada, diante do desafio de fazer uma etnografia das práticas sexuais das pessoas. Deste modo, apresentando questionar as contradições presentes no espaço e das relações dadas pelos seus frequentadores. Na descrição busco identificar códigos e símbolos que, articulados, compõem e mantêm o circuito da pegação. Sendo que tais espaços possibilitam a subversão anônima da normatividade dos papéis de gênero, procuro entender como a discricionariedade mediada pelo mercado do sexo é vivenciada pelos frequentadores.

Palavras-chave: experiência, cinema pornô, mercado do sexo, heteronormatividade.

INTRODUÇÃO

Com advento dos shoppings, do fortalecimento da televisão e, sobretudo, a do VHS, é possível perceber que muitas salas de cinemas em locações externas foram perdendo público e com isso muitas foram fechadas. Na atualidade essas salas têm passado por processos de revitalização através do financiamento de programas públicos de incentivo cultural, e muitas vezes com a participação do capital privado. Em Belo Horizonte, por exemplo, antigas salas estão sendo transformadas em grandes espaços culturais. O famoso Cine Brasil, por exemplo, tornou-se um grande espaço de mostras de arte, de apresentação de espetáculos e de mostras cinematográficas, com o fomento da prefeitura municipal de Belo Horizonte (PBH) e com o patrocínio da Vallourec & Mannesmann. Além deste, existe o Cine Paladium também revitalizado e hoje tutelado pelo SESC³³⁰, atual Sesc Paladium, e que também realiza diversos eventos no âmbito da música, cinema e teatro.

Fazendo um mapeamento das antigas salas de cinema da capital mineira, observamos também outras finalidades na reocupação desses lugares. Dentre estas, podemos contar com a

330 <http://www.apaps.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=444>, . Acesso em 04 de novembro de 2014.

reutilização para promoção do lazer sexual. Um exemplo das várias modalidades de diversão sexual é o *cinema pornô*. Neste ensaio o cinema pornô aparece como um item do mercado do sexo onde são disponibilizados espaços para praticas sexuais transgressoras ao olhar da sociedade ocidental, como elucida Michel Foucault (2012), desde praticas sodomitas, homossexuais, adúlteras, não fecundas, em que “o casal legítimo, e procriador, dita a lei”. Dentre esses espaços, vamos considerar que aqueles que fazem parte do *circuito da pegação*, especificamente da *pegação gay*, sendo: saunas, clube de sexo, o cinema pornô, espaços públicos como banheiros, praças e parques. Sobretudo, os espaços privados que são destinados a venda do lazer sexual.

Se mesmo for preciso dar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutra lugar: incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos de produção, pelo menos nos do lucro”. (FOUCAULT, Michel, 2012, p. 10).

A partir de um mapeamento virtual dos pontos de encontro da pegação privados da cidade de Belo Horizonte encontramos o Cine Regina³³¹. Uma antiga sala de cinema convencional inaugurada em meados do século XX, que ainda mantendo boa parte da infraestrutura antiga, atualmente transmite filmes pornográficos, exclusivamente de caráter heterossexual, com atenção a um público masculino na maioria senhores de mais de quarenta anos, geralmente casados heterossexuais, à procura da *pegação*.

Neste ensaio etnográfico, o objetivo crucial é analisar as relações estabelecidas entre os frequentadores, majoritariamente homens que são enquadrados dentro de um estereótipo social de heterossexualidade, e que recorrem do Cine Regina, como forma na maior parte de garantir uma privacidade e discricionariedade para pratica de sexo homo orientado. Rompendo com os padrões da sexualidade que chamaremos de heteronormativos. Tais padrões em que praticas sexuais com pessoas do mesmo sexo não se encaixariam, por prerrogativas definidas e legitimadas por normas sociais e por um discurso hegemônico de poder, segundo Foucault (2012), recebe um status de uma especie de ambiguidade, de desvio, ou mesmo de patologia³³².

331 Ver anexos um guia de pegação de Bh, indicando Cine Regina.

332 “A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da pratica da sodomia, para uma especie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma”. (FOUCAULT, 2012, p:51).

Na descrição busco identificar códigos e símbolos que são responsáveis para manutenção desse circuito, que tomo como base a partir de José Guilherme Magnani (2005)³³³, considerando o fato da apropriação de tais espaços no caso do cinema direcionados para outras finalidades, ressaltando a ressignificação dada pelo seus usuários partindo de tais códigos que por ventura reforçam e possibilitam a subversão anônima da normatividade dos papéis de gênero, mediada pelo mercado privado e vivenciada pelos frequentadores. Também busco problematizar o discurso de discricionariedade mediante a diversidade de espaços presente nesse circuito, tentando enxergar os limites de rompimento ou não do discurso heteronormativo.

Com relação a circuito, trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial; ele é reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais. (MAGNANI, José Guilherme C. 2005, p.178).

DADOS GERAIS DO LOCAL

O Cine Regina é uma sala de cinema em um edifício localizado no centro de Belo Horizonte, precisamente na rua da Bahia. Em uma área de grande concentração de espaços designados ao que podemos chamar de mercado do sexo. Cerca de uma quadra, há uma *sauna gay*, caminhando cerca de duas quadras no sentido contrario temos a rua dos Guaicurus³³⁴, famosa pela concentração de vários estabelecimentos de prostituição feminina. Fazendo um percurso pela região, há também outros cinemas pornos, bares de *strep tease* de mulheres e cabines individuais de video pornô. Fato é que a região da pesquisa mescla por uma diversidade de atividades disponíveis para a pratica de sexo por meio do gasto financeiro, desde para atendimento do publico gay, bi e hétero, mas ainda sim aos moldes de uma sociedade machista e heteronormativa, onde ainda sim o homem tem o domínio do consumo, o que faria das mulheres subservientes aos desejos dos homens, e mesmo tratando dos

333 Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2 José Guilherme Cantor Magnani, 2005.

334 Segundo Lúcio de Barros: "A Rua Guaicurus e sua esquina com a São Paulo é conhecida pelos belo-horizontinos por agrupar em grande quantidade os bordéis existentes na cidade. Todos: homens e mulheres as têm por referência. Local entendido como "perigoso", no qual as pessoas andam inseguras e apavoradas, não deixa, por isso, de ser movimentado". <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/23531-23533-1-PB.pdf>. Acesso em: 05 de novembro de 2014.

espaços gays, ainda sim vemos atendimento ao público masculino majoritariamente, pelo menos nas áreas observadas. Mas sobretudo considerando o próprio mercado pornográfico.

Retomando ao Cine Regina, no edifício observou-se que ao longo do saguão de entrada há um salão de beleza, uma *lan house*, alguns escritórios comerciais. A bilheteria fica localizada próxima a esses estabelecimentos, e não dentro do cinema propriamente dito. A sala é composta por aproximadamente trezentas poltronas, uma tela quadrada, uma pequena sala sem porta todo azulejada e com pouca claridade, servindo de *darkroom*³³⁵. Na parte externa do cinema há dois banheiros, um masculino e um feminino, sendo apenas o primeiro mantido aberto, devidamente pela não presença do público feminino.

RELATO

A etnografia no Cine Regina ocorreu por algumas visitas esporádicas, entre 2013 e 2014³³⁶, ocorridas durante a semana sempre no final da tarde, com uma permanência de pouco mais de duas horas. Nesse ensaio farei um relato essencialmente do primeiro dia, com o objetivo de dar ênfase a experiência de etnografar práticas sexuais. Tendo como base alguns trabalhos recentes que me proporcionou maior discernimento para uma configuração metodológica a ser empregada para tal seguimento de pesquisa antropológica³³⁷.

No dia 6 de julho de 2013, por volta das dezoito horas, iniciei a primeira incursão ao local. Diante de uma forte insegurança pela precocidade da iniciativa, reconhecia que havia uma diferença enorme entre fazer a pesquisa e frequentar determinados espaços, pois nosso olhar supostamente visa uma necessidade interior de demandas psicológicas e sensoriais. Neste sentido a pesquisa tornou-se um momento de ambivalência das ideias, pois deixava-me em dúvidas quanto a metodologia, fazendo com que eu me encontrasse entre os limites do sujeito pesquisador e do sujeito pesquisado, já que também estou fazendo parte daquele

335 Uma sala escura muito comum em boates GLS, pensando que o cinema toma o lugar da boate. “o dark room, e especialmente o breu, rompem com a estrutura que guia o ritual de pegação do restante da boate e particularmente com a dinâmica que se experimenta na pista de dança” (DÍAZ-BENÍTEZ. 2007, p. 102).

336 A pesquisa se iniciou a partir de um trabalho final da disciplina de Antropologia do Cinema ministrada pela professora Débora Breder na UFMG no primeiro semestre de 2013, e que tinha como objetivo uma etnografia do cinema a partir da abordagem de cinema e sexualidade.

337 Alguns trabalhos contemporâneos foram importantes para inspiração da pesquisa e deram subsídios para iniciação desse projeto, sendo: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar, 2010./ SOUZA, Tedson da Silva. Fazer Banheirão: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da estação da Lapa e adjacências, Dissertação, Salvador, UFBA, 2012.

universo, por vivenciar sem dúvida um arcabouço de estímulos, afinal, até que ponto me reconhecia como pesquisador ? Talvez eu poderia pensar na ideia de uma possível “autoetnografia” como elabora Tedson da Silva Souza (2012) ³³⁸.

Mediante a dificuldade de definição exata de uma metodologia apropriada para uma situação de ambivalência como essa, a pesquisa iniciou de maneira informal sem qualquer tipo de planejamento semiestruturado, partindo simplesmente da observação dos acontecimentos experienciados. O que seria feito? Entrevistas? Apenas observação breve do espaço? O campo se deu sem nenhum tipo de comunicação propriamente estabelecida por uma planejamento prévio, mais de conversas informais.

INCURSÃO

Na entrada, logo me surpreendi com a compra do ingresso. Uma bilheteria distante da portaria do cinema, com retrovisor da cabine escuro, impedindo qualquer possibilidade de um contato visual com o vendedor, inclusive fiquei incerto se havia alguém, pois ao estar parado em frente a bilheteria por alguns intervalos não percebi qualquer alerta vindo da mesma para que eu fosse atendido. Na verdade, só quando vi outros consumidores do espaço que entendi que apenas devia colocar o dinheiro na passagem do balcão e esperar meu ingresso. Um ponto a considerar da necessidade de uma discricção para entrada no local, visto que até então ainda estavam presentes os olhares de vigilância dos valores morais hegemônicos da sociedade. Em um outro dia, não havia realmente alguém na cabine, o que era previsto por haver um bilhete avisando para dirigir-se direto a portaria do cinema para compra do ingresso.

Após entrar no cinema, observei que havia um espaço amplo que interligava a portaria e a sala de exibição, neste lugar havia uma cadeira próxima a entrada, e à esquerda um painel de avisos com o certificado de alvará da prefeitura, com avisos de horário de funcionamento do espaço e das seções, e com um alerta sobre o acesso restrito a menores de dezoito anos. Logo mais a esquerda, um corredor em direção aos sanitários com duas bases de

338 O autor etnógrafa as praticas vivenciadas por usuários de um banheiro de uma estação de ônibus em Salvador, reconhecendo seu posicionamento como usuário também desse tipo de pratica que ele denomina como o de *Fazer Banheiro*, levando em consideração seu posicionamento sexual e sensorial no contexto da pesquisa.

alvenaria que serve de assento e um bebedouro. Dando seguimento, ao entregar o ingresso nesse primeiro dia fui direto para sala de exibição. No momento não havia ninguém do lado de fora, exceto o porteiro, diferente de outros momentos que avistava pessoas frequentemente circulando pelas mediações do cinema, entre a sala de exibição e o sanitário, fato que faz considerar o sanitário com parte do estabelecimento disponível como entretenimento sexual, ressaltando-o como parte do *circuito da pegação*. Ao chegar à sala, deparei-me com um espaço praticamente vazio diante de tantas poltronas, mais ou menos umas vinte pessoas, essa quantidade não variou em outras visitas, mas havia uma rotatividade de homens no local.

Diferente dos cinemas convencionais, não se compra um ingresso para ver especificamente um filme, pois ao entrar na sala já estava passando um termino da cena de um filme. São filmes denominados *Gonzo*, como elucida Maria Elvira Díaz-Benítez (2010), trata-se de uma montagem composta por mais ou menos três a quatro cenas que poderíamos chamar também *transas*. Estava, portanto, sendo exibido naquele momento da entrada um termino de uma *transa*.

Ainda um pouco indiferente com as cenas de sexo explícito e com o lugar, as vezes meio inseguro em deslocar pelo espaço da sala, primeiramente fiquei atento em observar o caráter físico do local. Era uma sala que conservava características originais da sua inauguração, segundo o porteiro. Do que poderia considerar realmente como alguma alteração relevante do local, era o fato do retroprojetor ser digital, também a existência lampadas coloridas de neon iluminando embaixo da tela, e o *darkroom*, pois acredito que deveria ser um espaço utilizado para outros fins.

Tomando intimidade com o lugar passei a circular mais pela sala, resolvi sentar para ver a cena que passava. Durante cerca de pouco mais de duas horas dentro do Cine Regina, eu consegui nesse primeiro dia assistir cerca de cinco cenas ou cinco *transas*. A primeira já em seu termino mais ou menos quinze minutos de duração e a ultima com mais menos dez minutos, em media as cenas tinham cerca de 40 minutos de duração, no decorrer delas e com isso não foi possível acompanhá-las completamente, visto que o enfoque estava nas pessoas ali presentes e de suas relações entre si.

O tempo foi passando e fiquei mais familiarizado com o local e mais relaxado emocionalmente, deixando ser guiado pelos acontecimentos ali observados. Sentindo-me até seduzido por uma das transas transmitidas. Como se eu entrasse por um estagio de liminaridade, nos termos de Turner (1974)³³⁹. Um momento de suspensão da minha vida cotidiana, rompendo com as barreiras da moralidade sexual para liberação dos meus desejos afoitos naquele “mundo do prazer”. Mas a ambiguidade desse estagio me deixava incerto ao que refere a metodologia a ser aplicada para dar andamento a pesquisa. Temia perder o enfoque das observações, visto um desafio difícil de superar em um local como aquele. Uma sala escura, cenas de sexo a todo o momento, pessoas envolvidas sexualmente por sua volta.

Fico pensando se estaria desviando da minha posição como um pesquisador. Como assim? Já que uma etnografia tem como fundamento a observação participante, o vivenciar a cultura de forma mais profunda não é a melhor maneira de interpretá-la. Uma descrição densa não partiria da imersão do olhar ao da própria cultura, não seria desse principio que faria Clifford Geertz (1978)³⁴⁰. Desse modo concordo com Tedson da Silva Souza (2012) quando vejamos que no passado a antropologia mantinha como metodologia a etnografia no campo da sexualidade dos nativos como também em outros aspectos de tal maneira que era omitido o real ponto de vista do antropólogo, a tentativa de fazer a antropologia surgir com um caráter de uma ciência objetiva assim como as ciências *hards*. Souza faz referencia à Malinowski por conta da publicação de seu diário de campo pela sua esposa após a sua morte, e com isso foi colocada à tona revelações da sua subjetividade e sua real perspectiva a cerca do povo de Trobriand, contradizendo a descrita oficialmente³⁴¹.

339 “Os atributos de liminaridade, ou de personae (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam á rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural”. TURNER, Victor, 1974, p.117).

340 “A cultura é pública porque o significado o é. Você não pode piscar (ou caricaturar a piscadela) sem saber o que é considerado uma piscadela ou como contrair, fisicamente, suas pálpebras, e você não pode fazer uma incursão aos carneiros (ou imitá-la) sem saber o que é roubar um carneiro e como fazê-lo na prática. Mas tirar de tais verdades a conclusão de que saber como piscar é piscar e saber como roubar um carneiro é fazer uma incursão aos carneiros é revelar uma confusão tão grande como, assumindo as descrições superficiais por densas, identificar as piscadelas com contrações de pálpebras ou incursão aos carneiros com a caça aos animais lanígeros fora dos pastos”. (GEERTZ, 1989, p. 9).

341 “Em suas pesquisas nas Ilhas Trobriand, Malinowski (1983 [1929]) estuda a sexualidade dos nativos, escrevendo notas de campo com vários recortes que, naturalmente, dada a amplitude e densidade dos dados

Esquecendo essas indagações e dando seguimento as observações, esse momento de êxtase talvez fosse o momento realmente de entrada profunda ao campo, não por apenas estar me sentindo estimulado sexualmente, mas de estar mais seguro em caminhar por aquele espaço e de aproximar-me das pessoas, quase houve um impulso em conversar com elas, mas preferir apenas observá-las. Nesse caso tive a oportunidade em outras visitas, por meio de conversas informais com algumas pessoas, partindo de perguntas referentes da regularidade de frequência naquele espaço, da sua identificação de posição de gênero perante a sociedade, familiares e para consigo mesmas, dados que foram realmente determinantes para perceber principalmente a contradição da exibição dos filmes héteros e das praticas sexuais homo orientadas presenciadas, considerando desde a masturbação compartilhada, sexo oral, sexo anal, ou apenas o *voyeurismo*³⁴².

Como era essa aproximação? Bem eu passei a agir como elas, seguia as pessoas que se aglomeravam para realização da *pegação*. A impressão que eu tive dos olhares das pessoas direcionados a mim, era de que eu realmente estava também à procura de alguma aventura sexual com elas. As trocas de olhares era a forma mais comum dos códigos de comunicação daquelas pessoas, não precisava necessariamente de um alerta verbal para que fosse percebido as intenções entre esses homens.

Era uma situação complexa para mim, ao mesmo tempo em que era interessante agir daquela maneira, circulando pelos mesmos pontos dessas pessoas, eu tinha que me afastar logo para não dar margem a alguma proposta indiscreta. Houve isto, eu, parado no fundo da sala, assistindo uma cena que iniciava e ao mesmo tempo um intenso envolvimento de duas pessoas ao meu lado, neste exato momento fui surpreendido com uma mão tocando minhas costas. Era um homem, supostamente, com mais de quarenta anos, oferecendo-me uma proposta nada “discreta”, disse-me: *está afim de dar uma gozada gostosa comigo*.

coletados em relação ao que, de fato, é tratado na análise constante de um relatório do estudo feito, não se tornaram públicos enquanto o autor vivia. Em 1967, entretanto, foi publicado o diário pessoal de Malinowski sob o título de Um diário no sentido estrito do termo, em que o antropólogo confessa ter sentido desejo sexual em campo, masturbar-se e até mesmo manter relações sexuais com os nativos”.(SOUZA, 2012, p: 10).

342 Voyeurismo é uma prática que consiste num indivíduo conseguir obter prazer sexual através da observação de pessoas. essas pessoas podem estar envolvidas em atos sexuais, nuas, em roupa interior, ou com qualquer vestuário que seja apelativo para o indivíduo em questão, o/a voyeur. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Voyeurismo>. Acesso em: 04 de novembro de 2014.

Educadamente, dispensei a proposta dizendo que estava apenas olhando e logo pedi-me desculpas. Depois disso, estava até um pouco motivado de conversar com ele, já que ainda não havia tido nenhum contato verbal com alguém daquele lugar, quem sabe, poderia entrevistá-lo, parecia-me disposto em conversar, ainda mais que logo retornou me dizendo: *se você mudar de ideia estou por aqui*. Contudo, mantive as observações da maneira que estava, pois fiquei incerto da sua reação se estivesse falando do meu objetivo naquele espaço e não tinha em mente alguma forma de articular uma entrevista sem dizer do que se tratava.

O tempo foi passando de maneira que eu retomava a realidade, preparando-me para retirar daquele espaço, caminhava um pouco devagar para dar um apanhado geral do espaço e das pessoas ali presentes, uma das coisas interessantes de se pensar é que àquela hora já me sentia mais ou menos como estava no início, indiferente com as cenas que passavam, com as pessoas e com o espaço. Todo aquele estímulo havia desaparecido completamente. Poderia até considerar que havia acabado de me ocorrer um orgasmo profundo que colocou para fora toda atração por aquele lugar.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A experiência nesse lugar mesmo durante essas duas horas demonstrou um exercício de controle das emoções, das sensações e dos desejos. Creio que seja um desafio a ser superado por nos colocar em uma situação complicada. Aquele espaço ao mesmo tempo em que pode nos oferecer um lazer sexual, ele nos oferece um risco. Eu temia a reação das pessoas ao saber o que tratava minha presença naquele ambiente. Visto por conviver com um padrão dominante, heteronormativo, poderia gerar para muitos desconforto e desconfianças a meu respeito, sabendo que o anonimato, a discrição são sobretudo o contrato estabelecido na compra desse tipo de lazer, mesmo considerando um espaço de transgressão, podendo ditar o poder de coerção, partindo do pressuposto desse padrão por David W. FOSTER.

Por heteronormatividade, entende-se a reprodução de práticas e códigos heterossexuais, sustentada pelo casamento monogâmico, amor romântico, fidelidade conjugal, constituição de família (esquema pai-mãe- filho(a)(s)). Na esteira das implicações da aludida palavra, tem-se o heterossexismo compulsório, sendo que, por esse último termo, entende-se o imperativo inquestionado e inquestionável por parte de todos os membros da sociedade com o intuito de reforçar ou dar

legitimidade às práticas heterossexuais (FOSTER, 2001, p. 19 apud SOUZA, 2012, p. 14).

CONCLUSÃO

Com tudo isso, podemos ratificar que os espaços de transgressões das normas são mesmos transgressores? Visto justamente nesse espaço normas que elevam um discurso de discricionariiedade e de privacidade. Essa heteronormatividade, sendo reforçada coexistente ao mercado, melhor dizendo sistema capitalista, que cria dispositivos de controle, permitindo um lugar exato e bem definido para que a sexualidade desviante possa acontecer devidamente, como salienta Foucault (2012) desde a sua expressão como na sua pratica, e que seja longe dos olhares da sociedade heteronormativa. Neste caso, a tolerancia só seria possível nas mãos da psiquiatria, das casas de saúde, dos bordeis, e aqui pensando nos circuitos da pegação, do cinema pornô, das saunas, dos clube de sexo. “Fora desses lugares, o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo” (FOUCAULT, 2012, p.11).

Considerando todo essa estrategia mercadológica de consumo, é importante ressaltar, já que estamos etnografando um cinema pornô, o entendimento da imagem como artifício de estímulo sexual, embora muitos homens não se mostrassem interessados em ver os filmes. No entanto, a maior parte deles se via estimulado por algum tipo de relação com alguém após a visualização das cenas de sexo explícito. Uma questão interessante para pensarmos a importância da imagem na contemporaneidade como ponto de partida das praticas sexuais das pessoas, como salienta Linda Williams (2012) que discute o fato do nosso olhar ao mesmo tempo se relacionar com todos os sentidos do corpo, direcionando ao aguçamento do desejo sexual, da ereção, da libido – “A atração que sentimos por uma imagem que se move é assim, não apenas dos olhos, mas também da carne [...]” (WILLIAMS, Linda, 2012).

Sobretudo, a ideia de conhecer esse universo de certo modo favoreceu a compreensão de que a vida sexual das pessoas não necessariamente deve ser colocada de uma maneira unilateral, pois os desejos humanos são infinitos, ainda mais quando se pensa na dinâmica das relações e das novidades que surgem a cada dia no mercado. É de praxes, à medida que o espaço e tempo se transformam, os desejos das pessoas também e o que resta é experimentar

para conhecer. E claro até quando isso ganhe legitimidade por todas as pessoas, o ideal é manter em segredo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Lúcio Alves De. Mariposas que trabalham. Uma etnografia da prostituição feminina na região central de Belo Horizonte, <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/23531-23533-1-PB.pdf>. Acesso em: 05 de novembro de 2014.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. Nas redes do sexo: os bastidores do pornô brasileiro. 2010 Rio de Janeiro, Zahar.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. 2007. “Dark Room aqui: um ritual de escuridão e silêncio”. Cadernos de campo, São Paulo, n. 16, p. 93-112.

FOSTER, David W. Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividade en la literatura latinoamericana. 2001. Letras: literatura e autoritarismo, Santa Maria, jan./jun. n. 22,.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade 1: a vontade de saber. 2012. Rio de Janeiro. Graal.

GEERTZ, Clifford. “Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura”. 1989. In: A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, LTC.

MAGNANI, José Guilherme C. 2005. “Os circuitos dos jovens urbanos”. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2.

SOUZA, Tedson Da Silva. 2012. Fazer Banheirão : As Dinâmicas Das Interações Homoeróticas Nos Sanitários Públicos Da Estação Da Lapa E Adjacências. Dissertação. Universidade Federal da Bahia.

TURNER, Victor. “Liminaridade e communitas”. In: O Processo Ritual. 1974. Petrópolis, Vozes.

WILLIAMS, Linda. Screening Sex: revelando e dissimulando o sexo. 2012. Cad. Pagu Campinas. Jan./June n. 38.

ANEXOS:



Imagem1: Guia de Pegação gay de BH, fonte: <http://guiabhgay.blogspot.com.br/p/cinemas.html>. Acesso em 03/11/2014.

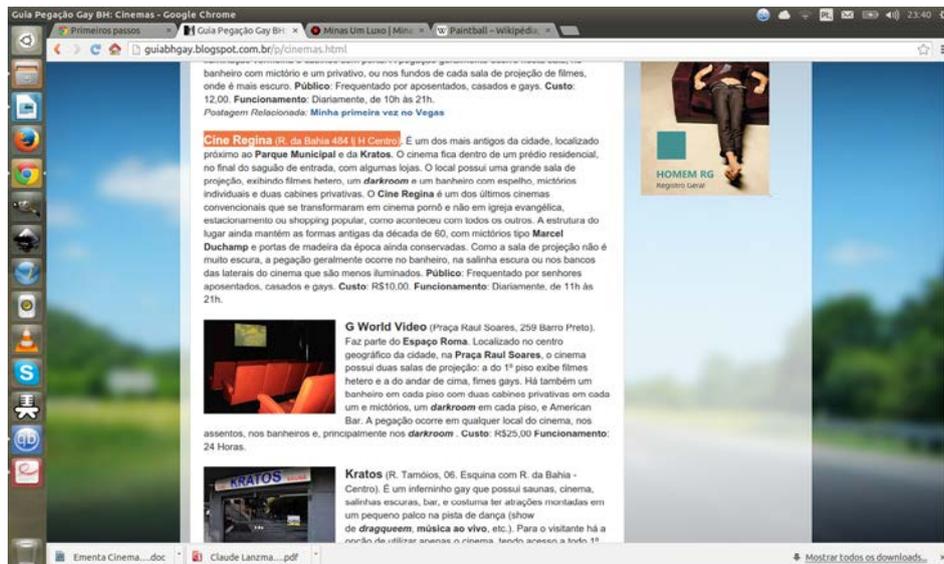


Imagem 2: Indicação do Cine Regina, fonte: <http://guiabhgay.blogspot.com.br/p/cinemas.html>. Acesso em 03/11/2014

